

Ramalho Eanes

O ser humano é o único ser na natureza dotado de uma dupla historicidade: a herdada (cultural e política) e a pessoal (a educação que é, a um só tempo, reflexo e projecto de cultura). Todo o ser humano é, naquela perspectiva, um permanente produtor-consumidor de cultura.

Obviamente, neste ciclo de inevitável produção comum de cultura, há sempre alguns que mais se distinguem pela qualidade, pela inovação criativa – enfim, pela excelência da produção cultural. A estes chamamos «artistas», aqueles que se dedicam ao fabrico consciente de beleza. Natural seria, pois, que a vida e a natureza – enfim, o múltiplo e permanente inter-relacionamento do homem com o Outro –, quer seja o seu semelhante, quer seja o mundo, se tornassem fontes privilegiadas de inspiração e de luminoso despertar artístico. E fonte, assim, porque apaixonadamente sedutora ela é e se manifesta, pela diversidade de seres, pela multiplicidade de formas e cores que oferece, pela beleza plural que exhibe, pela sensibilização que gera.

Natural, pois, que José Rodrigues, na sua Angola natal, sentisse o apelo sensorial que a natureza lhe lançava, manifestando, desde criança, um gosto pelas artes, nomeadamente pelo barro, originado pela natureza e que esta permite recriar. Natural, pois, que a sua ânsia por mais saber e mais aprender o tivesse impulsionado para Portugal, e o levasse a frequentar o curso de Belas Artes no Porto, que, aliás, terminou com a nota máxima, e onde viria a ser professor.

Do seu valor e qualidade artística falam, com indubitável comprovação, o reconhecimento, nacional e internacional, que granjeou. Expôs, individualmente, em múltiplas geografias, onde o público se rendeu às suas poderosas esculturas, nomeadamente, de Anjos e Cristos, de um misticismo impressionante. Participou, também, em diversas exposições colectivas, tanto em Portugal como em países tão diversos como Áustria, Estados Unidos, Brasil, Índia, China e Japão, entre outros. Muita é, ainda, a arte pública, esculpida por José Rodrigues, que podemos apreciar em

diversos pontos do País, como Porto, Viana do Castelo, Monção, Arcos de Valdevez, Vila Nova de Cerveira, Vila Real e Lisboa, entre outros.

Para além do seu brilhante trabalho como escultor, José Rodrigues produziu, ainda, cerâmica, medalhística e ilustrou livros de poetas e escritores de renome e seus amigos, como Eugénio de Andrade, Jorge de Sena e Vasco Graça Moura. Foi, igualmente, cenógrafo, de diversas produções no Porto, em Cascais e Lisboa. Lembro, particularmente, as suas belíssimas produções para a produção de *Yerma*, de Federico Garcia Lorca, em 1992, que considerou muito estimulante e provocante, por implicar encenar uma peça onde o ateísmo e a fé são tão irmãos, a alienação e a libertação tão radicais.

Não posso, nem devo, ainda, esquecer que foi um dos artistas fundadores da Árvore-Cooperativa de Actividades Artísticas, em 1963, cooperativa que fez parte da grande renovação cultural da cidade do Porto, da batalha contra a desertificação, o imobilismo e o envelhecimento das estruturas existentes. Trata-se, pois, no seu campo de actuação específico, de um projecto de mediação entre o artista plástico e o público, entre a cultura e a cidade do Porto, tendo a sua dinâmica divulgado uma nova linguagem, e criado uma nova forma de relacionamento com a cidade, tornando-a no que é hoje: uma das mais distintas e distintivas organizações da sociedade civil portuense no campo da arte e do acolhimento e mobilização de artistas plásticos. Mas correcto não seria falar apenas do José Rodrigues Artista, cuja qualidade tantos apreciam, neles se contando nós – eu e minha mulher – e, já, também, os nossos filhos. É que José Rodrigues era, para além de artista, ou talvez por ser também artista, um homem de apurada sensibilidade, acutilante olhar para a beleza, transcendente olhar para o Homem e para Deus, e elevada lealdade como amigo.

A sua obra é, pois, uma dádiva, em primeiro lugar, à arte e à escultura e, por isso, à cultura do País e, depois, também, à família (a quem nos liga um especial carinho e admiração; à Lindinha, filhas e netos), aos seus amigos, aos seus muitos admiradores, entre os quais me incluo, naturalmente, e incluo a minha mulher.



Desenho de Artur Moreira

Não posso, pois, deixar de, reconhecidamente, prestar homenagem, pública, a José Rodrigues, por toda a criatividade com que, inspiradamente, observava o mundo e recriava a sua beleza, a que o redemoinho do quotidiano da vida, tantas vezes, nos alheia.

A. Andrade

A época da conceção e construção da “Pérola”, poucos locais do território de Macau se apresentariam tão amplos e despojados quanto o que foi escolhido para a instalação desta obra de José Rodrigues. E este facto, conjugado com a circunstância de se situar já nas proximidades das “Portas do Cerco”, à vista da linha de costa ao longo da qual se ergue o perfil da cidade fronteira de Zhuhai, empresta à escultura – e, por maioria de razão, ao brilho que irradia – um sentido de *sinál*, como se de um farol se tratasse, pontuando a costa, ali onde, precisamente, esta se apresentava então mais vazia.

A realização de uma peça com esta envergadura é tarefa exigente e complexa: envolve uma equipa multidisciplinar, disposta a levar de vencida as vicissitudes por que inevitavelmente passa, compensada, porém, pelo resultado – e é forçoso reconhecer a satisfação com que “A Pérola” foi acolhida: a diversidade de leituras dos seus perfis, sem perda da percepção imediata da forma geral; a delicada alegria da sua cor, combinada com a suavidade da água que, como que suspende as cinco esferas envoltas por vegetação, bem assim como a escala apropriada à imensidão do espaço envolvente, contribuíram para uma aceitação espontânea da sua presença, aberta às flutuações interpretativas que suscitam as obras que, de modo incomum, combinam sabiamente a materialidade da forma e dos materiais com a simbologia que reforça a poesia do lugar, a sua ambiência e particularidade histórica (e também política, naturalmente) logo, portanto, enaltecendo a ação das pessoas...

José Rodrigues levou também a Macau uma exposição de desenhos, apresentada na Galeria dos Serviços de Turismo, no Largo do Leal Senado, bem no centro da cidade e tive o prazer de obter permissão para o homenagear com uma ilustração, inserida no respetivo catálogo. A propósito, cabe lembrar ainda, como, enquanto ali estive, José Rodrigues participou em diversos momentos de convívio, alargados a um inesperado conjunto de *artistas do Porto*, encontros cuja evocação, muito especialmente agora, adquire maior significado, pela sua excecionalidade geográfica, histórica, humana...

Alberto A. Abreu

O escultor, mesmo quando não trabalha o barro, reedita a obra criadora de Deus, arrancando formas significativas de uma qualquer massa informe. É o retrato que dele faz o padre António Vieira na descrição do trabalho do “estatuário”, que, de uma pedra pode fazer “até um santo”. Teoricamente, na obra feita, o que aparece é uma “mimese” de algo objectivo. Mas tudo isso não passa

da teoria: por maior que seja o distanciamento resultante da *epoché* artística, a força intencional e a subjectividade que inelutavelmente enformam todo o labor artístico impedem que a mimese não seja também a do mimetizador.

Quando D. Armindo Lopes Coelho encomendou a José Rodrigues a escultura do Cristo da capela do Seminário de Viana do Castelo, decerto esperava que o escultor investigasse sobre o tema que tantas obras de arte suscitou e em que, por isso, a liberdade criadora é, hoje, também diminuta. José Rodrigues, honestamente, confessou não conhecer mais do que as esculturas e obras de santeiro já bem conhecidas; mas aceitou o desafio, disse que “ia tentar”, e lançou-se a esculpir toda uma série de cristos, desde os seus tratamentos estereotipados aos mais heterodoxos. O trabalho de meses de canseira permitiu que o escultor visse no Cristo o epítome de todos os sofrimentos humanos, de que a cruz foi o remate final. Habitualmente, esculpe-se primeiro a cruz quando ela não é mesmo fornecida previamente e sobre a cruz é fixado o “homem das dores”. José Rodrigues, porém, procedeu ao invés. Tratou do homem, “fê-lo e refê-lo, corrigiu” e só depois arranjou uma cruz para ele. Por isso a cruz resultou assimétrica. Resultou torta, porque se destinou a matar um homem a quem o destino traçado foi o de “morrer na dor”. Também o rosto deste crucificado não reproduz o do José Rodrigues. Habitualmente, seja um orfeu, um caramuru, um D. António Barroso – o que neles vemos é o rosto hipostasiado do José Rodrigues. Aqui não aconteceu assim. Aqui, o que saiu foi um cristo “humano”, com um rosto como o de todos os homens. Como o do José Rodrigues também. E, como é anseio de todos os homens – do José Rodrigues também – a escultura não tem as pernas de todos os cristos dos crucifixos habituais, mas uma como saía em bronze polido, que José Rodrigues me disse: “isto é a ressurreição!” Pela primeira vez saiu esculpida a profecia de Cristo ao “bom ladrão”: hoje mesmo, *i.e.*, não daqui a três dias, nem domingo, mas “hoje mesmo estarás comigo no paraíso”. Viana do Castelo ficou dotada duma obra de génio dum escultor genial. Outra escultura de José Rodrigues e também de

motivação religiosa foi a do Francisco, pastorinho de Fátima para a sua sepultura no santuário da Cova da Iria. Também este não é parecido com o José Rodrigues. Mas também nele se hipostasiaram os anseios de José Rodrigues: Francisco tem bem o corpo e o rosto dum rapaz, infantil, mas saudável; inocente, como o de quem, franciscanamente, com um cordeiro no regaço, amava e comungava com os animais; recolhido, como é apanágio dos místicos como ele que alternava o pastoreio com as idas à igreja, a fazer companhia a “Jesus escondido”. Mas todo o cenário naturalista que o envolve e se prolonga, como folha caída sobre a laje sepulcral, é bem a projecção do ânimo de José Rodrigues que não descansava enquanto não revestisse de folhas e frutos as floreiras da Praça da República de Viana, a malga de louça de Viana que também esculpiu, e lhes pusesse também uma ave, como pôs no célebre cubo da Praça da Ribeira no Porto.

Esculpir é uma obra de arte total, quando é fruto de uma aturada investigação, quando nela se projecta a alma do artista e quando através dela fazemos com ele comunhão!

Alberto Tapada

O conhecimento do Zé remonta a 1980, quando, regressado de França, iniciei as minhas lides no movimento cooperativo e integrei a direção da Uninorte. Houve uma cerimónia na cooperativa Árvore e apresentaram-me o “Mestre Zé Rodrigues”, que, de rajada, perguntou: quem é este gajo? Sorri, com timidez e olhei-o com aquela gente, aquele tropel de criadores, artistas e desalinhados que evidenciavam o espírito criativo, militante e alternativo com que se construía o mundo. Havia um misto de irreverência, de lucidez e mais ainda de paixão, qualquer coisa de Che Guevara, pairava no ar! Ele e os demais (onde se inseria o Calvet Magalhães) perpetuavam a construção libertária Proudoniana, a revolução no pensamento e a nova matriz em que se moldava o homem novo gerado no 25 de Abril e que, pela via cooperativa,

continuava a realizar o sonho transformador de que as Cooperativas Árvore e tantas outras davam um inovador contributo para a realização de um sonho!

Uns tempos depois enquanto se comiam umas alheiras vindas de Alfandega da Fé, na cozinha da Árvore, fiquei de boca aberta enquanto guardanapos e toalhas de papel se animavam com negros traços, a lápis e carvão e florescia vida de entre aqueles dedos que gravavam visões, corpos, sensualidades e luzes naquelas “telas” improvisadas.

– Gostas, pá? De onde és? Atacou de imediato. Conversámos e ficou a conhecer mais um transmontano e isso, senti-o, mudou a sua relação comigo!

Algum tempo depois, integrámos os Órgãos Sociais da Cooperativa Superior Árvore, ele na qualidade de Presidente da Direção e, eu, de Presidente do Conselho Fiscal. E um dia, eu disse-lhe que tanto entendia ele a dirigir, como eu a fiscalizar!

– Isso são coisas do Tito, que, com o Calvet, são os maiores doidos aqui da casa! É lá com eles! Pôs-me o braço e reiterou, que deixasse correr!

Anos mais tarde deixei de estar tão próximo, mas continuámos a caminhar juntos e a encontrar-nos em certos eventos e em compromissos políticos e sociais, combates a que o Zé nunca virava as costas. Era um combatente sempre pronto e disponível e partilhámos um mesmo padrão, que é aquilo que sintoniza os amigos.

Passei a visitá-lo na sua Fundação, muitas vezes a convite do Vieira que me dizia que o Mestre gostava muito de me ouvir, naquilo que hoje analiso como a sua redescoberta e viagem à ancestralidade transmontana, esse relicário do passado português e onde o nosso espaço, cultural e simbólico se perpetuam no cerco montanhoso, no isolamento, no sagrado das montanhas, dos mistérios dos elementos primordiais, nos eventos associados aos equinócios e solstícios, temáticas que ele me solicitava que descrevesse de forma veemente!

E nisto passámos horas! E repeta:

– Escreve isso, escreve tudo Tapada! Isso faz com que me reencontre!

– Vamos fazer um acordo, disse-lhe eu, há cerca de 2 anos. Eu escrevo e tu desenhas esses temas transmontanos.

E assim ficou estabelecido, tendo-me oferecido um catálogo da exposição Baco, com o desenho de um Sol radiante, a quem chamou “Tapada”. Por isso, quando ouço o vento feiticeiro, quando pia a coruja no silêncio dos montes ou quando nas invernias, crepitam as labaredas ou até cheira a alheiras na brasa (uma sua paixão!), estou certo de que ele desenha riscos no tempo e, através deles, perpetua a identidade da força telúrica transmontana. E, olhando uma sua foto que está à minha janela e se alinha com o deus pétreo maronês, vejo os quadros que o Zé desenha nos céus, como se fossem guardanapos de papel, na antiga cozinha da nossa Árvore. E então, peço-lhe que mos guarde para uma exposição futura!

António Oliveira

Querido diário,

As sombras do tempo passaram por mim e agora ando perdida na minha constelação desamparada. O desaparecimento do meu Mestre reencarnou a minha alma reclusa deste espaço doravante insuportável. O que restava da minha existência, ele levou-a no baú dos seus segredos. A carne fria, o ardor nupcial enroscado sobre os resíduos da felicidade, os fungos à flor da pele, vou desidratando a minha sede de infinito. Sem o amor compulsivo com que ele me moldava os sonhos, sou apenas um címbalo que ressoa sem qualquer tonalidade. Sinto a falta daquelas mãos que me adulavam os seios virginiais, perfumavam de calafrios as minhas ancas sibilinas e agitavam as partes irrequietas da minha vida intangivelmente humana.

O meu criador morreu.

Agora a frieza das cinzas torna-se cada vez mais insustentável. O meu corpo deixou de ser angelical para ser granito e bronze lapidado e o amor inconformado deixou um grito latejando numa lápide tumular. Se queres que te diga, os meus suspiros lânguidos de outrora emudeceram para sempre. Daqui em diante, a minha vulnerabilidade será insensível, inexorável.

Deste promontório do Alto da Fontinha, onde a vida já me cansa, avisto os *lugares do lume*, entre os pombos da Ribeira e as gaivotas da Foz, onde